

YANA ANDREEVA

## **A TRADUÇÃO E O ESTUDO DA OBRA DE FERNANDO NAMORA NA BULGÁRIA**

A recepção da Literatura Portuguesa na Bulgária é um fenómeno que sem dúvida merece ser estudado tanto na sua perspectiva histórica, como no seu estado actual. Os escritores portugueses traduzidos na Bulgária ultrapassam hoje em dia as duas dezenas, o que se nos afigura um número considerável, sobretudo se tomarmos em conta o facto de que há 40 anos eram conhecidas por meio de traduções feitas do francês e do italiano as obras de apenas três - Eça de Queirós, Ferreira de Castro e Aquilino Ribeiro. Graças ao esforço notável de um grupo relativamente reduzido de tradutores, o nosso público leitor actualmente tem acesso a algumas das amostras mais representativas da criação de grandes escritores portugueses: sem pretensão de exaustividade, aqui mencionaremos as traduções de Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Miguel Torga, Alves Redol, Carlos de Oliveira, Vergílio Ferreira, José Saramago, António Lobo Antunes, David Mourão Ferreira, João Aguiar. Na presente comunicação, que pretende abordar em particular a recepção da obra de Fernando Namora, procuraremos evidenciar o papel precursor que tiveram as traduções e o estudo da obra deste escritor dentro do quadro da recepção da Literatura Portuguesa na Bulgária. Pois, a julgar pelo interesse contínuo que a criação literária de Namora tem suscitado entre os nossos tradutores nos últimos 40 anos e pelo elevado número das tiragens de seus livros, Namora é o primeiro escritor português contemporâneo a ser traduzido na Bulgária de uma forma diríamos sistemática. Analogamente ao que aconteceu em outros países europeus, na Bulgária foi a obra de Namora a que despertou a curiosidade e a admiração do nosso leitor por uma literatura então quase desconhecida, como era a portuguesa.

Aqui nos aventuraríamos a marcar duas etapas na recepção da obra de Fernando Namora na Bulgária. Tal delimitação toma em conta, por um lado, a cronologia e os períodos que separam as edições, mas por outro tem a ver muito com as preferências de tradutores e entidades editoras na selecção dos textos traduzidos. A data divisória que evidentemente se impõe é a do ano de 1989, que deu início ao processo de democratização na Bulgária, o que repercutiu fortemente na liberalização do mercado editorial e na consequente reorientação das políticas de edição.

Numa primeira etapa, que abarca o período entre 1970 e 1988, aparecem em búlgaro os romances vinculados à fase neo-realista do Autor, que revelam uma marcada orientação social e cujas edições em búlgaro apresentaremos a seguir.

O romance *O Trigo e o Joio*, traduzido por Svetoslav Kolev, é editado em 1970, numa tiragem de 10100 exemplares, pela editora Otetchestven front. A edição é acompanhada por um breve prefácio de 3 páginas, em que o tradutor apresenta a biografia do Autor e procede a uma rápida, mas eficaz caracterização das linhas temáticas e do estilo da obra, referindo também o seu relacionamento pessoal com o escritor e citando a correspondência com Namora.

Em 1980 é traduzido o grande romance inaugural da série neo-realista, *Fogo na Noite Escura*, por Sidonia Pojarlieva e Zdravka Naydenova. A publicação está a cargo da editora Narodna mladej e a tiragem ultrapassa os 30 mil exemplares. A edição contém uma breve nota do Autor, sem indicação da sua origem, que refere o carácter autobiográfico do romance e as circunstâncias da sua criação.

A editora Narodna Cultura publica em 1983 o romance *Os Clandestinos* na tradução de Bistra Dobrinova. A tiragem é de 10000 exemplares. A nota que acompanha a edição é subscrita por Zdravka Naydenova e apresenta concisamente, em pouco mais de duas páginas, a biobibliografia do Autor.

Em 1983–84 a editora Meditzina i fizcultura publica a edição ilustrada dos dois volumes de *Deuses e Demónios da Medicina*, na tradução de Buria Dimitrova e Sidonia Pojarlieva. A tiragem do 1.º volume é de 11000 exemplares e a do 2.º de 5000. As biografias romanceadas são precedidas pelo prefácio de Lopes Ibor que acompanha a edição espanhola do livro.

A década dos anos 80 revela-se extremamente produtiva para os tradutores de Namora na Bulgária, pois às obras mencionadas acrescentam-se as publicações, em revistas e jornais da época, de alguns contos, poemas e entrevistas do escritor, sobretudo com motivo da sua participação nos dois Encontros Internacionais de Escritores que se celebraram em Sófia em 1980 e 1984. Os tradutores que contribuem nesse período para a presença activa de Namora nas páginas da imprensa literária búlgara são Gueorgui Mitzkov, Svetoslav Kolev, Sidonia Pojarlieva, Rumén Stoyanov, Bistra Dobrinova, Rayka Dimitrova.

Uma segunda etapa na recepção da obra de Namora na Bulgária seria a que se segue ao ano de 1989. Impõe-se observar nela a considerável diminuição do número de traduções de obras do Autor, por um lado, e por outro, a redução drástica das tiragens das edições. Ambos os fenómenos encontram a sua justificação tanto na liberalização do mercado editorial, como no facto de que após o falecimento de Namora em 1989, houve, como é natural, um período de silenciamento, devido à falta daquele forte incentivo que o relacionamento activo do escritor com os seus tradutores proporcionava ao processo de selecção e tradução das suas obras. Apesar disto, é de notar que Namora continua a ser traduzido, o que vem a confirmar o interesse estável por parte dos tradutores que conhecem o alto valor da sua obra.

Em 1990 a editora Hristo Danov de Plovdiv publica *Domingo à Tarde*, cuja edição começou a ser preparada na década de 80, mas por alguma razão, que hoje

desconhecemos, foi diferida no tempo. Traduzido por Rumiana Guenova, o texto do romance é acompanhado de um breve prefácio de duas páginas, escrito por Emilia Yulzari em 1985, em que é feita uma retrospectiva das traduções de Namora na Bulgária, é apresentada informação biobibliográfica sobre o Autor e são delineados os contornos do universo romanesco através da caracterização geral das suas linhas temáticas e das personagens.

Em 2003 aparece em edição bilingue uma selecção de fragmentos de *Jornal sem data*, traduzidos por Sidonia Pojarlieva e Hristina Tasseva. A edição da Pet Plus contém um prefácio e notas de Sidonia Pojarlieva e sai numa tiragem de 300 exemplares.

É de destacar a presença de Namora em duas antologias poéticas publicadas na década dos anos 90 na Bulgária: em *Poesia Portuguesa do século XX* (Antologia seleccionada, prefaciada y traduzida por Sidonia Pojarlieva, Ed. Nov Zlatorog, 1993) e em *Aspirações* (Poemas seleccionados e traduzidos por Sidonia Pojarlieva, ed. Pet Plus, 1995, com o título búlgaro *Въжделения*). Na última, que também inclui poemas de Pedro Tamen e José Manuel Mendes, Namora é apresentado com 33 poemas das colectâneas *As Frias Madrugadas* (1978) e *Nome para uma Casa* (1984). A poesia de Namora é antecedida por uma nota biobibliográfica e por breves apontamentos da tradutora acerca dos poemas traduzidos.

Para completar esta referência às traduções búlgaras de Namora citaremos finalmente o número 11–12, referente aos meses de Novembro e Dezembro de 2006, da *Plamak* (Revista de literatura, arte e ensaísmo da União de escritores búlgaros), dedicado à Literatura portuguesa contemporânea, em que Namora figura com 5 poemas e dois contos dos *Retalhos* (“Rúfia” e “Apenas uma laranja”), todos eles traduzidos por Sidonia Pojarlieva que é a responsável pela selecção e organização do número temático da *Plamak*.

Outro aspecto importante a considerar quando se trata da recepção de obra de Fernando Namora na Bulgária é o estudo da sua criação literária. Como acabamos de mostrar, nos breves prefácios que antecedem algumas das traduções ela é apresentada, como é de esperar, de forma muito breve e geral e com propósitos evidentemente mais informativos que histórico-críticos. Actualmente a obra ficcional do Autor é referida e estudada em cursos académicos, leccionados na Faculdade de Filologias Clássicas e Modernas da Universidade de Sófia *Sveti Kliment Ohridski*. Devemos referir a inclusão de Fernando Namora entre os autores neo-realistas, cuja produção era abordada no âmbito do curso bissemestral de Literatura Portuguesa Contemporânea, que até 2005 funcionava como disciplina curricular da Filologia Portuguesa na Universidade de Sófia, dando aos alunos a oportunidade de apresentarem trabalhos orais e escritos sobre os romances do escritor. Após a reestruturação do currículo da Filologia Portuguesa em 2002 o estudo da obra de Namora foi integrado num curso semestral de especialização sobre A Prosa do Neo-Realismo Português, a ser oferecido como curso de opção aos alunos do 3.º e do 4.º ano. O programa desta disciplina prevê 6 aulas, dedicadas à análise da narrativa da fase neo-realista na produção ficcional de Namora e em especial a *Casa da Malta*. No recém-inaugurado curso

de Mestrado em Literaturas Românicas os aspectos autobiográficos da obra de Fernando Namora serão abordados no âmbito da disciplina A Literatura Autobiográfica em Portugal.

Além do estudo da obra ficcional de Fernando Namora, que faz parte dos programas das disciplinas de Literatura Portuguesa, devemos referir a inclusão do romance *Domingo à Tarde* na lista de leituras obrigatórias para o curso bimestral de Português Prático – 3º. ano. O programa da disciplina prevê a realização de um seminário sobre o romance durante o segundo semestre, assim como a redacção durante o exame final de um breve ensaio, que tenha como ponto de referência cinco obras literárias previamente seleccionadas, entre as quais se inclui o romance de Namora.

Por último, gostaria de referir em especial o trabalho de investigação crítica da obra de Fernando Namora, realizado na Universidade de Sófia *Sveti Kliment Óhridski*. Quando há alguns anos me propus a preparação de um curso curricular sobre a prosa de ficção do Neo-Realismo português deparei com que a obra de Namora ainda não tinha sido estudada pela crítica literária nos seus aspectos autobiográficos. Atraída pela possibilidade de acrescentar o meu modesto esforço ao trabalho dos estudiosos portugueses que desde a década de 90 sistematicamente se têm dedicado ao levantamento e ao estudo de um corpus nacional de literatura autobiográfica, decidi explorar a escrita intimista de Namora, que me parecia disseminada pela maioria dos seus textos, fossem eles de carácter ficcional, factual ou misto (para a definição dos termos cf. Genette, 1990: 755–774). A investigação da variada produção do escritor que realizei nos últimos anos revelou-me a sua frequente inclinação para o depoimento autobiográfico. Todo o trajecto criativo de Namora, desde o primeiro romance, *As Sete Partidas do Mundo* (1938), até os últimos dois livros publicados em vida, *Autobiografia* (1987) e *Jornal sem Data* (1988), que a meu ver constituem uma fase estritamente autobiográfica, confirma uma persistente tentativa de integração do Sujeito no mundo através do autoconhecimento e da autodefinição. Foi esta a convicção de base que orientou a minha tese de doutoramento, em que encarei a obra de Namora precisamente na sua dimensão de escrita intimista, procurando traçar os contornos do amplo espaço autobiográfico (cf. Lejeune, 1996: 43), configurado por um vasto conjunto de textos narrativos do Autor, escritos ao longo dos mais de cinquenta anos de labor literário. Devido às restrições que a ocasião impõe, a seguir tentarei delinear só algumas das conclusões a que cheguei no meu trabalho de investigação e que são expostas de forma detalhada na recente edição da minha tese de doutoramento (cf. Andreeva, 2007: 270–275).

O obra-chave que legitima a existência do espaço autobiográfico e que nos permite procurar os sinais de um depoimento íntimo na restante produção de Namora é a sua *Autobiografia* (1987). Escrita a pedido de José Carlos de Vasconcelos nas férias de Verão de 1986, em Monsanto, esta breve narrativa da vida encabeça uma colecção de autobiografias de personalidades da cultura nacional que a editora *O Jornal* tencionava publicar. A de Namora, tal como previa a ideia da série, é um texto conciso, de apenas 43 páginas na primeira edição, em que se

concentra não só o relato da vida, mas também a sabedoria existencial do Autor. A *Autobiografia* tematiza uma série de questões nucleares para toda obra de cariz autobiográfico, como o funcionamento e a selectividade da memória, a equação *rememorar – reviver*, a adequação do retrato que o *eu* faz de si àquilo que é a sua verdadeira imagem e, sobretudo, o conhecimento e o autoconhecimento como condições para a integração do *eu* no universo.

Ao reconstruir através da rememoração a experiência do homem e do escritor, a *Autobiografia* de Namora funciona, a nosso ver, como elemento legitimador do vasto projecto de construção de uma personalidade literária que através da auto-análise se identifica e situa no mundo. Pode dizer-se que tal projecto tem início nos primeiros romances de Namora. O fundo autobiográfico de *As Sete Partidas do Mundo* (1938) e *Fogo na Noite Escura* (1943) é referido em várias ocasiões pelo próprio Autor em entrevistas e outros depoimentos, sendo também confirmado pela crítica contemporânea (cf. Mendes, 1974: 818; França, 1988: 19; Sacramento, 1967: 75; Namorado, 1969: 414). Julgamos que no espaço autobiográfico de Namora podem ser igualmente incluídas outras narrativas ficcionais na medida em que se socorrem declaradamente de conteúdos e estratégias autobiográficas: a primeira e a segunda série de *Retalhos da Vida de um Médico* (1949, 1963), *Domingo à Tarde* (1961) e finalmente *O Rio Triste* (1982). Observam-se nas obras referidas vários procedimentos constantes como a ficcionalização de material de origem factual com referentes biográficos confirmados, a introdução de conteúdos autobiográficos nas personagens que povoam o mundo ficcional ou a inserção de determinados biografemas do Autor, como por exemplo: a origem campesina (*Fogo na Noite Escura*, *O Homem Disfarçado*), os estudos universitários no curso de Medicina (*Fogo na Noite Escura*, *Retalhos da Vida de um Médico*, *O Homem Disfarçado*, *Domingo à Tarde*), a prática de médico de província no início da carreira (*Retalhos da Vida de um Médico*, *O Homem Disfarçado*), a inadaptação à grande cidade (*Retalhos da Vida de um Médico*, *O Homem Disfarçado*), a condição de profissional das letras (*O Rio Triste*).

A filtragem subjectiva do real protagonizado ou testemunhado passa a ser enunciada numa primeira pessoa nitidamente autobiográfica a partir de *Diálogo em Setembro*, a crónica romanceada de 1966, que no seu espaço paratextual explicita a tendência que irá caracterizar a narrativa de Namora a partir de meados dos anos 60 e que se expressa num ousado hibridismo genérico a misturar diferentes registos da escrita. Tal tendência encontra a sua plena afirmação na narrativa literário-sociológica *Estamos no Vento* (1974) e nas narrativas de viagem *Cavalgada Cinzenta* (1977) e *URSS mal amada, bem amada* (1986), em que a crónica e a memória, tradicionalmente encaradas como documentos da personalidade ou da época, continuam a servir os propósitos de uma prática estética centrada na reflexão e auto-reflexão. Expressão literária da relação que Namora guarda consigo próprio e com o mundo, estas narrativas de cariz individualista confirmam o pendor para a auto-análise e o autoconhecimento. Nelas um *eu* voltado predominantemente para a comunidade reflexiona sobre a sua consciência nacional, sobre os laços que o unem à família, aos amigos, à geração literá-

ria e aos meios profissionais, sobre o espaço físico que lhe permite definir a sua identidade e continuar a criar.

A reflexão do Sujeito autobiográfico dissemina-se igualmente pelos seis livros da série dos *Cadernos de um escritor*, constituída por *Um Sino na Montanha* (1968), *Os Adoradores do Sol* (1971), *A Nave de Pedra* (1975), *Sentados na Relva* (1986), *Jornal sem Data* (1988) e os textos dispersos, postumamente publicados, de *Um Rugido Distante* (1999). No prefácio ao livro inaugural desta série de escritos vários já encontramos cifradas as questões fulcrais que presidem toda a escrita intimista de Namora: o hibridismo genérico, o testemunho das experiências vividas e presenciadas, a atitude reflexiva e confessional, o exame de consciência e, paradoxalmente, considerada a par da introspecção que caracteriza qualquer escrita intimista, uma tentativa de fazer autêntica literatura de denúncia e intervenção cívica.

Uma atenção especial merece *Jornal sem Data* que não só confirma o longo projecto de auto-análise e procura de identidade que é a obra de Namora no seu conjunto, mas realiza ao máximo a introjecção do mundo que caracteriza a escrita intimista. “Nada a fazer, é sempre de nós que falamos” (Namora, 1989: 156), comenta o narrador-ensaísta ao empreender a sua última confissão de homem e escritor – confissão amarga, mas também esperançosa. Em *Jornal sem Data* deparamos com uma extroversão do criador e homem público que perspectiva pela subjectividade a realidade fragmentada do *eu* e do mundo que o circunda. Ligado a uma situação de isolamento e afastamento voluntário do convívio social, *Jornal sem Data* ganha a dimensão de um auto-retrato. Aos olhos do leitor emerge não só a figura intelectual do escritor e do cidadão, já esboçada em textos anteriores, mas também uma densa imagem emocional que revela as glórias e frustrações mais íntimas do homem. A sucessão de fragmentos não datados de que se compõe *Jornal sem Data* corresponde não apenas a apontamentos periodicamente reatados, como faz pensar a sequência de notas que retomam temas já tratados em outra ocasião, mas também a um Sujeito disperso que através da função catártica da escrita procura a sua autognose e com isso a reunificação. No conjunto da produção autobiográfica de Namora *Jornal sem Data* destaca-se ainda por conter, a par de uma introspecção levada ao extremo nos fragmentos mais confessionais sobre o amor, a amizade, a velhice e a morte, uma reflexão metaliterária que sintetiza todos os sentidos de abordagem da actividade criativa, delineados na produção anterior do Autor. Ao reflectir sobre a figura do escritor e a sua missão profissional, sobre a literatura como parte substancial da vida íntima do indivíduo, sobre a escrita, os seus motivos e o seu destino, sobre a leitura e até sobre a recepção crítica do texto literário, o livro derradeiro encara a obra como resultado de um percurso de auto-sacrifício dramático e doloroso, mas coerentemente traçado, percurso que justifica a permanência do homem-escritor no mundo.

O espaço autobiográfico completa-se, a nosso modo de ver, com os textos das entrevistas publicadas em volume: *Encontros* (1979) e *Em Outubro com Fernando Namora* (1987). Fundamentamos nossa opinião no conseguimento literário do estilo dos textos, no seu tom de sinceridade confessional e sobretudo nas vá-

rias asserções por parte tanto do escritor, como dos seus entrevistadores, quanto à activa colaboração do entrevistado na elaboração final dos textos. Lembraremos só o facto de que na composição do livro de Quirino Teixeira entram “Vinte e seis anotações a propósito da entrevista”, reflexões inéditas de cariz intimista que foram redigidas por Namora no retiro de Monsanto no Verão de 1987 e que posteriormente foram integradas em *Jornal sem Data*, assim como extractos do texto da sua *Autobiografia*.

Baseando-nos na afirmação do intenso intercâmbio epistolar que existiu entre o escritor e José Manuel Mendes (cf. 1999: 213), Lídia Jorge (cf. 1988: 21), Joaquim Maria Pacheco Neves (cf. 1988: 26), Roxana Eminescu (cf. 2002: 114–115), julgamos que porventura caibam dentro do espaço autobiográfico também as numerosas cartas que Fernando Namora dirigiu a confrades das letras e estudiosos da sua obra. Esperamos que a publicação em Paris, por iniciativa de Roxana Eminescu, de trechos das cartas que integram a correspondência pessoal da estudiosa romena com Fernando Namora, abra o caminho para futuras publicações deste género que reúnam a correspondência dispersa do Autor, contribuindo assim para a apreciação global do seu projecto de revelação e construção intimista de uma personalidade literária, a personalidade do Sujeito que se auto-bio-grafa.

A leitura dialogal de numerosos textos de Namora que temos realizado no decurso dos últimos anos com o objectivo de seguir o rastro da sua escrita autobiográfica confirma que no seu conjunto a obra narrativa do escritor traduz um forte impulso de auto-revelação, cifrado numa escrita intimista cada vez mais densa e confessional. Consideramos que à medida que o Autor vai demonstrando uma preferência pelo depoimento testemunhal, pela reflexão ensaística ou pela mistura do factual e do ficcional, processo este que se acentua a partir da segunda metade da década de 60, a sua obra vai adquirindo contornos cada vez mais autobiográficos, construindo a imagem literária de um Sujeito que através da auto-análise se identifica e se situa no mundo. A passagem do autobiografismo difuso, que caracteriza grande parte dos textos produzidos até 1987, para o autobiografismo concentrado dos últimos livros, que como anteriormente observámos fica patente na *Autobiografia* e nos fragmentos confessionais de *Jornal sem Data*, confirma o intenso pendor da criação de Namora para uma escrita centrada na reflexão sobre a intimidade do Sujeito e sobre a sua inserção na vida por meio da literatura.

### Bibliografia

- ANDREEVA, Yana: Андреева-Константинова, Яна, Аз-ът като Друг. Дискурси на идентичността в автобиографичното творчество на Фернанду Намора, София, Сема ПИИ 2007.
- EMINESCU, Roxana, „Le médecin, sa maladie, sa mort et la littérature dans les lettres de Fernando Namora“, in QUINT, Anne-Marie (dir.), *Je vous écris. Escrevo-lhe*, Centre de Recherche sur les pays lusophones – CREPAL, Cahier N° 9, Presses Sorbonne Nouvelle 2002, pp. 113–134.
- FRANÇA, José Augusto, „Obra longa e evoluindo sempre por exemplar consciência profissional“, in AA.VV. *Fernando Namora, 50 Anos de Vida Literária*, Galeria de Artes do Casino Estoril 1988, p.19.

- GENETTE, Gérard, „Fictional Narrative, Factual Narrative“, *Poetics Today* 11:4, 1990, pp. 755–774.
- JORGE, Lúcia, „Merece o amor activo dos que o leram e o lêem“, in AA.VV. *Fernando Namora, 50 Anos de Vida Literária*, Galeria de Artes do Casino Estoril 1988, p. 21.
- LEJEUNE, Philippe, *Le pacte autobiographique*, Paris, Seuil (1<sup>ère</sup> ed. 1975) 1996.
- MENDES, José Manuel, „Perfil de Fernando Namora“, *Vértice*, vol. XXXIV, n.º. 369, 1974, pp. 818–827.
- MENDES, José Manuel, „Nota do editor“, in NAMORA, Fernando, *Dispersos I*, Lisboa, Círculo de Leitores 1999.
- NAMORA, Fernando. *Encontros com Fernando Namora* (Introdução de José Manuel Mendes), Porto, Ed. Nova Crítica 1979.
- NAMORA, Fernando, *Jornal sem Data*, 2<sup>a</sup> ed., Lisboa, Publ. Europa-América 1989
- NAMORA, Fernando, *Um Sino na Montanha*, 6<sup>a</sup>. ed., Lisboa, Publ. Europa-América 1991.
- NAMORA, Fernando, Autobiografia, in *Obras Completas*, vol. XXXI: *Dispersos 2*, Lisboa, Círculo de Leitores 1999.
- NAMORADO, Joaquim, „Fernando Namora: escritor-ainda-vivo“, *Vértice*, vol. XXIX, n.º. 309, 1969, pp. 409–417.
- NEVES, Joaquim Maria Pacheco, „Tem a dimensão do homem que é escritor“, in AA.VV. *Fernando Namora, 50 Anos de Vida Literária*, Galeria de Artes do Casino Estoril 1988, p. 26.
- SACRAMENTO, Mário, *Fernando Namora*, Lisboa, Arcádia 1967.
- TEIXEIRA, Quirino, *Em Outubro com Fernando Namora*, Amadora, Flamingo 1987.